

PARA ALÉM DE QUADROS E SALAS: OS PROCESSOS EDUCATIVOS EM MOVIMENTOS DE MULHERES DO CAMPO POTENCIALIZANDO A LUTA POLÍTICA CONTRA A SUBALTERNIZAÇÃO DA MULHER¹

Iasmim de Araujo Vieira- UFPE²

Allene Lage- UFPE³

Resumo: Oriundo de interesses em investigar os elementos educativos presentes nos movimentos sociais de mulheres campo, esse estudo de caráter investigativo teve como foco de análise tais movimentos considerando que, essas organizações têm ganhado destaque ao longo do tempo por pensar a condição da mulher rural. Assim nos sentimos impulsionados a estudar como esses Movimentos articulam estratégias de combate a subalternização da mulher, tendo dentre os objetivos o foco na análise dos principais processos educativos em movimentos de mulheres do campo. Para pensar sobre movimentos sociais e sua dimensão educativa, utilizamos das reflexões de Calado (2005), Lage (2011), Freire (1983). No que se refere ao caminho teórico-metodológico, fizemos usos dos elementos da pesquisa qualitativa. Como técnica de coleta de dados, a observação participante foi usada ao longo do estudo e, dentro desta a entrevista semi-estruturada e conversas informais. Para a análise dos dados, fizemos uso Análise de Conteúdo. Como método de pesquisa, foi escolhida a utilização de um caminho que pudesse oferecer uma estrutura metodológica onde as reflexões fossem ampliadas, assim, elegemos o Método do Caso Alargado. Para a concretização deste método tivemos como espaço investigativo o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste- MMTR-NE. Desta forma, identificamos que todos os processos educativos, mesmo aqueles que não apresentam uma explícita sistematização pedagógica, contribuem na formação política das militantes. São esses momentos, responsáveis pela educação desses grupos populares, que muitas vezes excluídos do sistema formal de educação encontram dentro dos movimentos as possibilidades de formação e organização.

Palavras-chaves: Movimentos Sociais; Mulheres; Educação; Luta Política; MMTR-NE

Introdução

Ao olharmos a história, percebemos que socialmente construído e alimentado por uma cultura de opressão, as desigualdades nas relações de gênero tem provocado inúmeros processos de subalternização da mulher que, presente cotidianamente vem configurando diferentes formas de se manifestar.

É neste cenário excludente que as lutas políticas organizadas por mulheres em torno do final do século XIX começam a ganhar destaque no contexto social. Inicialmente dentro da luta sufragista, onde discutia o direito ao voto e a ser votada nas

¹ Este estudo está inserido nas atividades do Grupo de Pesquisa MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE coordenado pela Prof. Dra. Allene Lage e está integrado na produção do Projeto de Pesquisa A Mulher nos Movimentos Sociais do Campo – Identidades, Saberes de Luta e Educação: Um Estudo Comparado entre as Mulheres do Movimento Sem Terra e as do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais, financiado pelo CNPq

² Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste. E-mail: iasmim.araujo.v@hotmail.com

³ Professora Dr^a. da Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste.

eleições e, posteriormente, com outras questões como liberdade sexual e identidades. Essas organizações de mulheres em sua diversidade apresentaram pontos comuns quanto à luta pela posição protagonista da mulher na sociedade, reagindo contra forças opressoras.

Nesse caminho de luta e conquistas realizadas pelas mulheres, algumas se traduziram em marcos legais, que foram de grande importância nessa trajetória, como por exemplo, a Constituição Federal de 1988 em seu Art. 5º

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 2005, p.10)

No entanto, mesmo com essas conquistas formais de igualdade em direitos e obrigações dos termos da Constituição, ter o reconhecimento legal não significa a efetivação de práticas igualitárias cotidianamente. É na luta para a concretização desses avanços já construídos e por outras políticas de proteção e auxílio à mulher, que os movimentos sociais de mulheres se articulam de acordo com suas especificidades. É neste sentido que recentemente o número de organizações que se articulam em prol de particularidades vêm crescendo, ganhando força e dando visibilidade as mais diversas formas de violências vividas. Dentro dessa perspectiva que os Movimentos de Mulheres do Campo surge, denunciando situações de discriminação que por várias questões permaneciam omissas nas discussões públicas.

No que se referem ao contexto rural, as estatísticas mostram que os índices de violência contra a mulher nesses espaços são maiores. No ranking dos países com maiores índices de violência contra a mulher em área rural e urbana, o Brasil está em décimo lugar com a área rural e em décimo segundo com a área urbana.⁴

Esse cenário nos impulsionou a estudar como os movimentos sociais de mulheres do campo na atualidade articulam estratégias de educação e combate a essas violências. Entendendo que a educação é arma política nos processos de transformação social. Sendo assim temos como dimensão fundamental na análise, os processos

⁴ Informações disponíveis no site: <http://mulher.terra.com.br/interna/0,,OI1178191-EI4788,00.html> e no livro Gênero e Geração em Contextos Rurais. Parry Scott. Rosineide Cordeiro. Marilda Menezes(Orgs.) 2010

educativos vivenciados nesses Movimentos, discutindo os aspectos que perpassam as ações e processos de luta.

Movimentos Sociais e Educação

Refletir sobre os movimentos sociais, suas lutas e conquistas, implica em considerá-lo como fenômeno que historicamente é responsável por mudanças e avanços na sociedade. É compreender que as aspirações coletivas emergentes de contradições sociais e motivadas por uma utopia configuram uma importante arma na luta política que esses, se comprometem.

Desse modo podemos identificar a presença de movimentos sociais populares⁵ desde a antiguidade. Calado (2005) quando discute a trajetória de luta e protagonismo dessas organizações considera que, mesmo que sem essa denominação, a revolta de povos subalternizados como, por exemplo, a resistência dos povos Hebreus a escravidão no Egito, bem como a bravura do Quilombo dos Palmares animados por Zumbi são passos de que desde muito tempo já se existia movimentos sociais.

De fato, a existência dessas organizações coletivas é histórica, no entanto o seu tratamento acadêmico é relativamente recente, com teorizações surgidas por volta do fim do século XIX (CALADO, 2005). Esses estudos apresentam algumas abordagens teóricas que segundo Kauchakje (2007) se configuram desde formas muito amplas, dentro de uma noção que entende movimento social como toda forma de ação coletiva, até mesmo muito restrita, quando diz respeito à imposição de como se organiza, tempo de mobilização e objetivos determinados.

Sem a pretensão de definir, mas em uma tentativa de elucidar o que aqui entendemos por movimentos sociais, nos apoiamos em Calado (2005) quando diz que entende movimento social como

a ação organizada de um sujeito coletivo integrante da Sociedade Civil, que, a partir de suas diferentes motivações e horizontes, orienta suas atividades conforme seu perfil próprio, visando a alcançar seus objetivos de manter, de reforçar ou de mudar, em parte ou no todo, a ordem estabelecida. Todo Movimento Social corresponde a um determinado segmento da sociedade civil, seja ligado a um determinado setor da produção (o caso do Movimento Sindical), seja mais voltado especificamente à esfera política (por exemplo, o Movimento Feminista, o Movimento dos Direitos Humanos), seja mais enfaticamente empenhado na defesa de serviços, bens e valores culturais (o

⁵ Por movimentos sociais populares, Calado (2005) caracteriza-o como diferente daquele movimento protagonizado por segmentos da classe dominante.

Desse modo, essas manifestações coletivas no seu espaço de luta vão forjando indivíduos, que segundo Lage (2011) se constituem, a partir do exercício de sua militância e do seu processo de formação, como sujeitos políticos. Esses elementos que contribuem na formação política desses indivíduos são estratégias que configuram o movimento social e possuem as mais diversas características, desde ações visíveis, como marchas, greves até pensar uma política de educação transformadora. (LAGE, 2011)

Essa educação que visa transformar o sujeito e colocá-lo em posição protagonista de sua mudança tem sido pensada por diversos autores que ao refletirem as condições subalternizadas dos que representam as camadas populares, entende a educação no seu sentido amplo, como mecanismo indispensável na luta que configura o dia-a-dia dos movimentos sociais. Educação pensada dentro de uma perspectiva que humaniza que, a partir de um processo de conscientização fortalece as ações coletivas potencializando a luta dos movimentos sociais.

Neste sentido Freire (1983) compreende que essa educação não deve ser entendida como algo que depositado capacita o ser, mais como uma prática que serve a libertação, partindo do diálogo, estimula a reflexão e a ação verdadeira dos homens sobre a realidade.

De fato, pensar educação no interior dos movimentos sociais é entendê-la com esse caráter transformador, é compreender que as aprendizagens construídas devem ser elaboradas a partir de uma proposta de humanização.

Dentro dessa mesma ótica freiriana, Calado (2005) elenca alguns traços característicos dessa educação que para uma caracterização mais concreta, sublinhamos algumas como

-A capacidade de despertar em todos que a formam, o sentido de sua incompletude, da sua condição inconclusa, o que propicia uma permanente disposição de irem se tornando...

- que propicie aos seus membros o permanente aprimoramento de sua capacidade perceptiva, ajudando-os a ver, a ouvir, a sentir, a intuir mais e melhor o que, ou antes não conseguiram, ou só conseguiam de forma muito fragmentária e descontínua;

- que seja capaz de trazer para dentro de si os desafios do dia-a-dia enfrentados pelos alunos e alunas, ao mesmo tempo em que se dispõe a ensinar e a aprender, a partir de e com as pessoas comuns do campo e da cidade;

- Uma educação Popular que estimule a capacidade de sonhar de seus protagonistas, numa perspectiva de Utopia libertadora.(CALADO, 2005, p.14-16)

Dentro dessa perspectiva, entendemos que essa educação se distinguiria das outras variedades pelo seu caráter sócio-transformador, sobre isso Rodrigues (1999) afirma que essa variedade de educação, que seria então a educação popular, possui proposta e práxis direcionada para a transformação do homem, trazendo compromisso aos homens para o fortalecimento da sociedade.

Da exposição precedente, compreendemos que o fenômeno educativo e suas contribuições configuram assim um mecanismo fundamental na luta dos movimentos sociais, que a educação perpassa os limites da escola e se configura no mais diversos locais com seu caráter político e, sobretudo transformador. É com bases nessas reflexões que esse trabalho segue.

Metodologia

A escolha do caminho para o alcance dos objetivos determinados neste exercício de pesquisa foi de uma decisão teórico-metodológico onde, selecionada a natureza, técnica, método e procedimentos que, considerados mais adequados, nos auxiliaria nesta construção.

Desse modo, nosso estudo se deu pelo viés da pesquisa qualitativa, entendo que esta contribui para reflexões peculiares que o nosso objeto de estudo possibilita. A pesquisa qualitativa é caracterizada por Minayo (1994) como uma pesquisa que “trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO, p.21-22, 1994). Sendo assim, nos pautamos nas discussões de Minayo (1994) sobre pesquisa qualitativa para orientar nosso estudo.

Teve como características os princípios da pesquisa exploratória e explicativa. Para compreendermos esses tipos de pesquisa nos apoiamos em Gil (2008) quando discute as características destas. Para esse autor,

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2008, p. 27)

Sobre pesquisas explicativas, o mesmo autor considera que,

São aquelas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente (GIL, 2008, p. 27)

A partir dessas discussões é que desenvolvemos o nosso estudo, visto que compreendemos que nosso objeto de estudo precisa, dentro da perspectiva que o autor citado discute ser explorado e explicado. É neste sentido que pretendemos refletir sobre a luta política dos movimentos de mulheres do campo enfocando assim as práticas educativas contidas nessas ações.

No que se refere à técnica de coleta de dados, utilizamos da observação participante, utilizamos ainda da entrevista semi-estruturada e conversas informais. Entendemos observação participante a partir das discussões de Gil (2008) quando diz que,

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí porque se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. (GIL, 2008, p.103)

De fato, esta inserção no campo empírico nos permite ter a sensibilidade de observar fenômenos que só essa técnica possibilita, enriquecendo assim o valor de nossos dados. Nesta mesma direção, Cruz Neto (1994) ressalta o valor dessa técnica dizendo que

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (CRUZ NETO, 1994, p.60)

Para compreender o papel da entrevista e seus efeitos na pesquisa social, partimos da compreensão de Gil (1994) quando define entrevista como

Técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletarem dados e a outra apresenta como fonte de informação. (GIL,

Concordamos com Gil quando define entrevista, acreditando que esta é uma rica estratégia de coleta de dados na pesquisa qualitativa. Sendo assim, entendemos que a entrevista pode se configurar de formas diferentes, podendo ser estruturada, não estruturada ou semi-estruturada. Esta última forma de entrevista, desenvolvida neste estudo, é caracterizada segundo Cruz Neto (1994) como a fusão da entrevista estruturada e não-estruturada, visto que a diferença dessas duas está relacionada quanto a ser mais ou menos dirigida. Dessa forma, a não estruturada o tema é livremente abordado pelo entrevistado, e a estruturada pressupõe perguntas estabelecidas previamente. No caso da semi-estruturada há a articulação dessas duas modalidades.

Para além das relações interpessoais, esse buscou através de consultas bibliográficas e acervos particulares, informações que contribuíssem na construção de novos conhecimentos acerca da luta política e ações educativas das mulheres do campo.

Para a análise dos dados, fizemos uso da técnica de organização e análise dos dados, Análise de Conteúdo, como primeiro exercício de aproximação metodológica.

Segundo Amado (2000) a Análise de conteúdo “em essência trata-se de uma técnica que procura “arrumar” num conjunto de categorias de significação o conteúdo manifesto dos mais diversos tipos de comunicações “(p.53). Para Gomes (1994) uma das funções desta técnica é a de descobrir “o que está por trás dos conteúdos manifestos” (p.74).

Como método de pesquisa, foi escolhida a utilização de um caminho que pudesse oferecer uma estrutura metodológica onde as reflexões fossem ampliadas, assim, elegemos o Método do Caso Alargado teorizado principalmente por Boaventura de Sousa Santos. Lage (2009) quando discute caminhos epistemológicos para a elaboração do conhecimento, traz uma reflexão sobre algumas abordagens metodológicas, nessas discussões o Método do Caso Alargado é entendido pela mesma autora como um método “caracterizado por um estudo de caso convencional que tem alargada as suas implicações quando da sua conclusão.” (p.7).

Neste sentido, o estudo de caso é entendido por Gil (2008) como um “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu

conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.” (p.58)

Se para a construção do Método do Caso Alargado partimos do estudo de caso, após essa análise, os elementos estruturantes que foram encontrados nos permitem ampliar, como Lage (2009) considera, “o universo da análise, de modo que esta possa discorrer acerca de questões importantes relacionadas com o tema e presentes na sociedade.” (p.9).

De fato, o Método do Caso Alargado nos permite maior profundidade de estudo, fazendo com que tenhamos compreensões para além do caso investigado, através de um caminho que não está associado a generalizações, mas a análise de elementos estruturantes que estão interligados a especificidades do tema a ser pesquisado.

Como principais fontes de informação neste exercício de pesquisa, procuramos dialogar e observar mulheres que estavam vinculadas ao Movimento, ressaltando que estas, mesmo estando ou não em posições de dirigentes não deixam de ter suas atividades de trabalhadora rural, visto que o Movimento entende como pré-requisito fundamental a relação da mulher ser trabalhadora rural nas posições de lideranças no movimento. Também foram utilizados como fontes de informação, materiais produzidos pelo Movimento, como livros destinados a formação de educadoras populares, entre outros escritos, como jornais, folhetos e site. Dessa forma, as mulheres escolhidas foram: A Secretária executiva, dirigentes estaduais e a educadora política.

O Caso do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste

Na década de 1980 em regiões dos estados da Paraíba e Pernambuco, a partir de discussões de mulheres trabalhadoras rurais sobre melhoria de vida e trabalho rural, uma organização de mulheres inicia os primeiros passos do que hoje é o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste. Percebido as diferenças, desafios e especificidades da mulher naqueles espaços rurais, foi que a organização viu a necessidade de construir um Movimento autônomo que discutisse a condição daquelas.

Desse modo, no ano de 1985 ao participarem do III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, a idéia da construção do Movimento em nível de Nordeste foi fortalecida, tendo no ano seguinte o primeiro encontro da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste e ano marco na constituição do movimento.⁶

Com sede no município de Caruaru, agreste de Pernambuco, este Movimento vem há vinte e cinco anos lutando pelo empoderamento da mulher do campo, em uma tentativa de conquistar o protagonismo dessas mulheres contribuindo na formação destas enquanto sujeitos de direitos, confrontando todas as formas de opressões e exclusões que a mulher historicamente enfrenta. Neste sentido, sua luta está em dar visibilidade às condições da mulher rural, problematizando e lutando por relações justas e igualitárias entre homens e mulheres no Nordeste.

O Movimento está organizado através de grupos de base, com coordenações estaduais, uma diretoria composta por duas trabalhadoras rurais por estado, eleita em assembléia e, uma secretária executiva, que responde por todo o movimento.

Com essa organização o Movimento vem construindo uma trajetória de lutas e conquistas, objetivando a mudança de uma sociedade machista e patriarcal e contribuindo dessa maneira, com a construção da justiça social na região. Assim, o Movimento também desenvolve ações em parceria com outras organizações de mulheres, possuindo atividades locais e internacionais, fortalecendo a luta do Movimento contra uma cultura de submissão.

Com a Palavra as Militantes

Dentro de uma perspectiva de transformar cultura opressora que subalterniza a condição da mulher, é que o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste orienta suas práticas educativas. Compreende que a falta do acesso ao ensino formal que historicamente exclui as populações camponesas é um desafio a ser reparado através de um processo. No entanto entende que principalmente os conhecimentos que fortalecem a luta e a participação social da mulher pela transformação da sociedade são elementos chaves na luta política destas.

Neste sentido o MMTR-NE

Entende educação como o mais profundo processo político vivenciado pelos indivíduos, pois ela está presente em todos os níveis da sociedade e, através dela, se promove o conhecimento e a integração social. Sabemos, ainda que não existe uma única forma de educação, nem o melhor modelo de educação. Em mundos e grupos diferentes, a educação é diferente. No entanto, com a

⁶ As informações relatadas foram retiradas do livro “A ESTRADA DA SABEDORIA Sistematizando caminhos para a formação de educadoras rurais do Nordeste- 1994-2006” (2008) produzido pelo Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste.

mesma força, a educação pode contribuir tanto para a libertação, quanto para a submissão de um povo. (A ESTRADA DA SABEDORIA, 2008, p. 50)

De fato, a concepção libertária da educação permeia as ações do Movimento, contribui para o empoderamento dessas mulheres, fortalecendo suas estratégias de transformação social. A partir da educação que o Movimento se compromete, mulheres encontram na organização oportunidades de ampliar seus conhecimentos, atribuindo assim grande parte de suas aprendizagens a vivência no movimento.

Falar de educação no Movimento ela é tão boa pra gente, pra mim que sou caipira lá do meio do mato, ela ainda foi na escola, eu nunca fui, mas hoje eu me considero doutorada, mestrada nessa educação que eu me encontro, junto com minhas companheiras. Não é a educação que se ensina só a ler e a escrever, mas que ensina como é a realidade da vida, aqui na veia, no dia-a-dia, é um aprendizado que você aprende tudo, tudo você aprende, é muito bom, e a gente tem um resultado tão maravilhoso dessa luta desse Movimento que eu não sei nos outros estados, no Maranhão tem um projeto chamado PRONERA que é educação do campo onde educa os filhos das quebradeiras de cocos, das agricultoras, das trabalhadoras rurais, e eu estou orgulhosa porque eu tenho um filho formado em Pedagogia da Terra, e foi no PRONERA quatro anos de faculdade do campo lá na cidade...(DIRIGENTE ESTADUAL DO MARANHÃO, Diário de Campo: 28 de outubro de 2011)

Nesta mesma direção a dirigente estadual de Alagoas relata as contribuições da educação do Movimento na sua vida.

eu fui vendo a vida sozinha, quebrei muito a cara, apanhei, não tive estudo, não tive nada, quem me ensinou realmente foi a vida e aí depois de tudo isso eu encontrei o Movimento que foi a onde me apoiou e aonde eu fui ver realmente a questão de racismo, a questão de gênero, a questão de feminismo que a gente tava estudando hoje, tudo isso a gente aprende um pouco e muito mais porque o que a gente aprende vale mais do que se eu tivesse três ou quatro anos na sala de aula, então eu acho assim, que a gente tem que ter educação, tem que se formar e tudo mais, mas o maior apoio que a gente tá encontrando é dentro do Movimento, porque não é como se fosse uma matéria, você estuda várias temáticas, várias coisas aonde você se aprimora e aonde você cresce e se fortalece. (DIRIGENTE ESTADUAL DE ALAGOAS, Diário de campo: 28 de outubro de 2011)

Desse modo, a educação que o Movimento promove é elemento estruturante na vivência política dessas mulheres, faz com que elas enxerguem todo o valor que possuem em serem trabalhadoras rurais e encontrar nessa condição possibilidades de luta.

E eu sou convidada pra dar palestra, como todo mundo sabe que eu sou sócia do MMTR, todo mundo quer falar comigo, na minha cidade eu sou convidada pra dar palestra sobre a lei Maria da Penha, sobre Movimento Social, porque que eu to no Movimento, aí quando eu chego lá assim, o povo

fica tudo encantado, “meu Deus ela nunca foi à escola, como é que ela sabe falar” e eu sempre passo pra eles o que eu aprendi aqui. ... (DIRIGENTE ESTADUAL DO MARANHÃO, Diário de Campo: 28 de outubro de 2011)

Essa característica de disseminar os conhecimentos construídos na vivência com o movimento é preocupação das militantes. É neste sentido que elas se enxergam como agentes multiplicadoras, com fundamental responsabilidade na difusão desses conhecimentos. Uma colaboradora do Movimento em um momento que as mulheres se encontravam refletindo sobre a trajetória de um curso oferecido pelo MMTR-NE junto a mais duas organizações de mulheres do Nordeste discorre sobre essa preocupação.

Talvez algumas a gente nunca mais vá se encontrar pessoalmente, mas outras talvez a gente se bata, mas eu tenho certeza que lá no nosso dia-a-dia, no nosso trabalho, nós estaremos nos encontrando, nos nossos sonhos, nas nossas utopias, no nosso fazer e nas nossas esperanças. E eu tenho uma preocupação muito grande de tentar contribuir, tentar fazer na minha vida, sobretudo com aquelas mulheres que ainda estão fora da roda, nós que estamos aqui na roda somos privilegiadas, mas nós sabemos que fora dessa roda, fora dessa discussão num processo de exclusão ainda estão a maioria, milhares e milhares de mulheres, e quando a gente fala das trabalhadoras rurais é imenso ainda o número de mulheres que ainda estão fora e, eu quero continuar esse compromisso e saio desse processo de formação mais sedimentária mais consciente da importância de continuar fazendo esse trabalho e a gente não perder a esperança, cadê a nossa companheira ontem “né?” Falava sobre isso ... e é verdade a gente passa na nossa vida por muitos momentos de angústia, muitos, mas eu penso que a gente... isso serve para que a gente se fortalecer e a gente não perder a esperança que é possível (M5, Diário de Campo: 27 de outubro de 2011)

De fato, a esperança que existe nas ações do Movimento funciona como combustível que impulsiona as práticas desenvolvidas faz com que em cada momento se enxergue possibilidades de aprendizado. Sobre isso a dirigente estadual da Bahia diz que dentre os projetos de formação o

encontro que as trabalhadoras, as diretoras se encontra aqui os nove estados, a experiência que passa de uma pra outra, cada uma vai aprendendo, intercâmbio é uma riqueza porque lá você vê na prática e você pode levar pra fazer no seu estado na sua região, na comunidade, isso passa uma segurança pra gente e conscientiza a gente. (DIRIGENTE ESTADUAL DA BAHIA, Diário de campo: 28 de outubro de 2011)

Sendo assim, compreendemos que a educação no Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste é elemento essencial nessa luta. Sendo entendida como um caminho que trabalhado continuamente propicia mudança, favorece a transformação de cultura de submissão, oportunizando o protagonismo da mulher na sua libertação. Um caminho que não é fácil, pois implica na desconstrução de valores e crenças que

naturalizadas foram introduzidas nas nossas mentes, mas trabalhadas gradativamente consegue modificações.

Uma educação de forma estruturante e sustentável onde você desperta para uma outra realidade, você desperta pra importância que você tem enquanto sujeito de direito, e você desperta pra construir uma realidade justa e igualitária, esse é o caminho, agora a gente faz a nossa parte, é preciso que o governo também assumisse esse tipo de educação, que se ele assumisse esse tipo de educação a gente teria os instrumentos pra prevenir e coibir a violência, prevenir e coibir a discriminação, a exclusão social, e aí a gente estaria em outro patamar.(DIRIGENTE DE PERNAMBUCO, Diário de Campo: 28 de outubro de 2011)

Análise dos Dados

Para discutir educação nos movimentos sociais nos utilizamos das discussões de Calado (2005) que dentro de uma perspectiva freiriana caracteriza os movimentos sociais como protagonistas de várias mudanças sociais. Estas organizações podem assim utilizar-se de uma educação que se caracteriza como instrumento que potencializa a luta desses movimentos. Uma educação que objetiva a conquista de autonomia, contribuindo na construção de estratégias e no fortalecimento de ações que os movimentos sociais desenvolvem. Para isso, a educação deve favorecer:

A capacidade de despertar em todos que a formam, o sentido de sua incompletude, da sua condição inconclusa, o que propicia uma permanente disposição de ir-se tornando...

- que propicie aos seus membros o permanente aprimoramento de sua capacidade perceptiva, ajudando-os a ver, a ouvir, a sentir, a intuir mais e melhor o que, ou antes não conseguiram, ou só conseguiam de forma muito fragmentária e descontínua;

- que seja capaz de trazer para dentro de si os desafios do dia-a-dia enfrentados pelos alunos e alunas, ao mesmo tempo em que se dispõe a ensinar e a aprender, a partir de e com as pessoas comuns do campo e da cidade;

- Uma educação Popular que estimule a capacidade de sonhar de seus protagonistas, numa perspectiva de Utopia libertadora. (CALADO, 2005, p. 14-16)

Nesta direção, a educação dos movimentos sociais se compromete com essa mudança. Nessas organizações os/as militantes encontram oportunidades de se fortalecerem, entendendo que para além de uma educação formal, as aprendizagens construídas através da vivência dos movimentos sociais oferecem, configuram o alicerce que sustenta e empodera no processo luta cotidiana deles/as. Sobre isso uma militante fala das contribuições do MMTR-NE em sua vida

eu fui vendo a vida sozinha, quebrei muito a cara, apanhei, não tive estudo, não tive nada, quem me ensinou realmente foi a vida e ai depois de tudo isso eu encontrei o Movimento que foi onde me apoiou e aonde eu fui ver realmente a questão de racismo, a questão de gênero, a questão de feminismo que a gente tava estudando hoje, tudo isso a gente aprende um pouco e muito mais porque o que a gente aprende vale mais do que se eu tivesse três ou quatro anos na sala de aula, então eu acho assim, que a gente tem que ter educação, tem que se formar e tudo mais, mas o maior apoio que a gente ta encontrando é dentro do Movimento, porque não é como se fosse uma matéria, você estuda várias temáticas, várias coisas aonde você se aprimora e aonde você cresce, e se fortalece. (DIRIGENTE ESTADUAL DE ALAGOAS, Diário de campo: 28 de outubro de 2011)

Os instrumentos que essa educação possibilita as/aos militantes funcionam como aparelhos de intervenção social, que permite a reflexão e ação desses agentes em seus contextos. Cria condições, através de todo processo educativo, de análises críticas que questionam a ordem vigente, sendo esta a dimensão política mais significativa dos movimentos sociais.

Uma educação de forma estruturante e sustentável onde você desperta para uma outra realidade, você desperta pra importância que você tem enquanto sujeito de direito, e você desperta pra construir uma realidade justa e igualitária, esse é o caminho(...) (DIRIGENTE DE PERNAMBUCO, Diário de Campo: 28 de outubro de 2011)

Em face disso, são nítidas as contribuições dos processos educativos na formação política de militantes nos movimentos sociais, sendo essas organizações um dos poucos espaços que grupos historicamente subalternizados da sociedade encontram para se organizarem e lutarem em prol de uma justiça social. No que se refere aos movimentos de mulheres do campo, a dimensão educativa perpassa as mais variadas ações dos Movimentos, se configurando em diferentes espaços, momentos e metodologias, tendo por objetivo o empoderamento de um grupo que devido a sua espacialidade e sua condição de gênero sofre um processo de dupla exclusão.

Neste sentido, tal como autor e militantes falam, a educação no interior desses movimentos sociais propiciam a análise crítica das situações opressoras que permeiam as relações sociais, contribuindo na formação de agentes transformadores e multiplicadores de uma que luta visa à transformação de uma sociedade excludente.

Conclusões Preliminares

Para as conclusões preliminares neste estudo precisamos retomar ao objetivo que orientou esta reflexão, sendo este identificar os principais processos educativos nos movimentos sociais. No que se refere a esses processos, identificamos que todos estes, mesmo aqueles que não apresentam uma explícita sistematização pedagógica, contribuem na formação política dos/as militantes. São responsáveis pela educação desses grupos populares, que muitas vezes excluídos do sistema formal de educação encontram dentro dos movimentos as possibilidades de formação e organização.

Desse modo, compreendemos que as práticas educativas em movimentos de mulheres do campo se configuram como uma importante arma política na luta que se comprometem, cumprem com o papel de empoderar as mulheres, organizando-as e possibilitando intervenções na luta contra as diversas subalternizações importadas a estas, como por exemplo, as violências.

Sendo assim, houve a tentativa neste estudo em trazer e dar visibilidade a algumas questões que envolvem a força das práticas educativas em Movimentos de Mulheres do Campo, com intuito de, a partir de então outras questões serem problematizadas e discutidas tendo como centro esse grupo de mulheres que apresentam em diversos âmbitos características peculiares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ESTRADA DA SABEDORA: SISTEMATIZANDO CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORAS RURAIS DO NORDESTE- 1994-2006. 2ª edição Caruaru: Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste, 2008.

AMADO, João da Silva. *A Técnica de Análise de Conteúdo*. Revista Referência. In: http://www.esenfc.pt/rr/rr/index.php?id_website=3&d=1&target=DetalhesArtigo&id_artigo=2049&id_rev=5&id_edicao=20. Acesso em: 26/10/2011.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Cidadania no Horizonte do Trabalho: reflexões sócio-históricas e pedagógicas**. / Alder Júlio Ferreira Calado e Alexandre Magno Tavares da Silva (Orgs.) *et al.*- João Pessoa: Idéia/ Edições FAFICA, 2005.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Ed. Nossa Livraria. Recife-PE, 2055

CRUZ NETO, Otavio. O trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX/ editado por William Outhwaite, Tom Bottomore; com a consultoria de Ernet Gellner, Robert

Nisbet, Alain Touraine; editoria de versão brasileira, Renato Lessa, Wandrley Guilherme dos Santos; tradução de Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Romeu. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

KAUCHAKJE, Samira. Movimentos Sociais no Século XXI: matriz pedagógica da participação sociopolítica. In: ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de; JEZINE, Edineide (Orgs.) **Educação e Movimentos Sociais: Novos Olhares**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

LAGE, Allene Carvalho. **Elementos para a compreensão da educação nos movimentos sociais**. In: SILVA, Alexsandro da e SALLES, Conceição Gislane Nóbrega de Lima (Org.). **Temas em Educação: Diálogos contemporâneos**. p: 65-82. Recife: Editora UFPE (2011)

LAGE, Allene Carvalho. **Orientações Epistemológicas Para Pesquisa Qualitativa em Educação e Movimentos Sociais** In: IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares, 2009, João Pessoa. IV Colóquio Internacional de Políticas Práticas Curriculares: Diferenças nas Políticas de Currículo. João Pessoa : UFPB, 2009.

MINAYO, Maria. Cecília Souza (Org); DESLANDES, Suely Ferreira.; CRUZ NETO, Otávio. GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

RODRIGUES, Ana Cláudia SCOTT, Parry; SARAIVA, Jeíza das Chagas. Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais. In: CORDEIRO, Rosineire; MENEZES, Marilda; SCOTT, Parry. **Gênero e Geração em Contextos Rurais** – Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

RODRIGUES, Luiz Dias. Como se conceitua a educação popular? In: SCOCUGLIA, Afonso Francisco; MELO NETO, José Francisco. (Orgs.) **Educação Popular: Outros Caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

Site utilizado: <http://mulher.terra.com.br/interna/0,,OI1178191-EI4788,00.html> Acesso em: 05 de setembro de 2011